



O OLHAR DA ACP NA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA: TODA CRIANÇA É ESPECIAL”

Silvana Queiroz do Nascimento ¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a abordagem centrada no aluno no filme “Como estrelas na terra”. A história do jovem *Ishaan* (09 anos) que apresenta dificuldade para se concentrar e avançar nos estudos. Depois de diversas reclamações da escola, a diretora e os pais entendem isso como um problema: Falta de compromisso, caso de indisciplina em casa, e considerado por todos como um preguiçoso, indisciplinado por não acompanhar o ritmo dos demais. Por este motivo o garoto sai da escola para estudar em um colégio interno, longe de sua casa com a esperança de melhoras. Com o passar dos dias começa a dar sinais de desestímulo. No decorrer do filme um professor substituto de artes se aproxima construindo uma relação de ajuda que perpassa por três condições facilitadoras como a compreensão empática, a congruência e a consideração incondicional positiva que ajudam o Ishaan a reencontrar sua autoestima para viver de forma saudável frente às realidades no campo educacional.

Palavras-chave: ACP, Relação de Ajuda, Compreensão Empática, Congruência, Consideração Incondicional Positiva.

INTRODUÇÃO

A educação tradicional transborda na limitação do não saber como lidar com o aprendiz que apresenta dificuldades no processo da aprendizagem tentando enquadrá-lo de forma coercitiva e assim destruir sua liberdade de pensar, criar, fazer e sentir seu próprio crescimento. Como pode existir uma relação de ajuda com esses alunos?

O longa metragem “Como estrela na Terra”, lançado em 2007 traz uma crítica ao sistema educacional enraizado que decide os encaminhamentos escolares sobre a vida do outro, diagnosticando-o incapaz para as oportunidades da sociedade. Muitos equívocos acontecem das escolas que atuam nessa inconformidade, sobre o seu papel de inclusão.

O direito à inclusão consiste em medidas de participação igualitária previsto pela Constituição Federal a todos os cidadãos. É garantir que todos e todas, alunos, sejam

¹ Graduada do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco- PE, Pós Graduanda em Psicologia Humanista em Abordagem Centrada na Pessoa- FAFIRE, saralinsocial@gmail.com



dignos de estar e de ser. Garantir que existam as condições que favoreçam a aceitação democrática onde toda criança é especial pela sua história e bagagem de vida.

E pensando nisso esse artigo traz como a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de corrente humanista da psicologia, uma grande tomada de mudança de vida ao tratar o outro de forma genuína, O teórico Carl Rogers (1902-1987), em sua proposta de pedagógica traz o aluno como centro, aceitando-o como ele é e o professor no papel de facilitar a caminhada de aprendizagem.

O protagonista do filme, *Ishaan* 09 anos, criança com a imaginação fértil, confeccionando seu mundo imaginário como o melhor lugar de estar, pois trazia um repertório de aprendizagem própria onde ele criava os personagens, situações, diálogos sendo autor das próprias histórias. Essa liberdade criativa e subjetiva dialoga com o que Carl Rogers enfatiza sobre onde o indivíduo vive suas próprias potencialidades. Conforme aponta AMATUZZI (2012, pág. 21).

Trata-se de olhar o ser humano um senso de respeito que decorre da natureza própria e original desse objeto. É olhar para ele não como algo útil, mas como ser portador de um valor próprio e inalienável, como ser que me interpõe algo de absoluto. É respeitá-lo naquilo que ele é.

A vivência relatada no filme traz uma relação de poder sobre a vida do outro, sobre um lugar que valoriza controle e ordem, de aluno como receptor de conteúdos, com relações humanas rígidas e distantes de uma relação de escuta, acolhimento e acessibilidade. Esse é um retrato mundial quando a educação é centrada na escola, em números e no saber apenas do professor. Essas realidades proporcionam questionamentos em como continuamos a tratar o outro como um ser impróprio como se nada soubesse da sua vida ou ainda, da sua inteireza. Desde muito pequenas, as crianças, pensam e aprendem sobre tudo o que está a sua volta sem censuras. Então, ouvi-las é fundamental para maior conexão e criar espaços que sejam respeitadas pelo que são. Entretanto sabemos que nem sempre é assim pela estrutura engessada que a educação é estabelecendo relações sem profundidade e curiosidade de encontrar com o outro.

Para ROGERS (1997) “Os seres humanos têm natural potencialidade de aprender. São curiosos a respeito do mundo em que vivem, até que, e a menos que, tal curiosidade seja entorpecida por nosso sistema educacional”. Em seu livro ROGERS (2001, pág.06) relata que:



O foco é o indivíduo e não o problema. O objetivo não é resolver um problema particular, mas auxiliar o indivíduo a crescer, de modo que possa enfrentar o problema presente e os posteriores de uma maneira mais bem integrada.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi à execução de anotações sobre a narrativa do filme, elencando pontos importantes como formas de ensino, relações humanas, processo avaliativo dentre outros. Sobretudo, considerar os momentos de não aceitação do personagem principal pelas escolas e como se apresenta a ajuda onde o outro reconheça suas próprias fortalezas.

O recorte da dinâmica diária da família descreve o trabalho da Mulher no âmbito privado com os cuidados dos filhos, casa e marido; a dinâmica apressada do mundo do trabalho do pai na lógica capitalista; a dinâmica diária dos filhos nas suas atribuições em preparação para a escola. A ausência de diálogos e uma vida mecânica. Para essa construção de família e de educação quase não é dada a oportunidade de falhar. Um funcionamento muito bancário, sobre o que tem que fazer e como fazer, num tempo que tem que fazer como certo absoluto. Além dos padrões ou papéis tradicionais onde dentro dessa relação não existe espaço para qualquer diálogo e que propõe expectativas a cerca dos dois filhos.

Na escola *Ishaan* não sabia ler, escrever e nem soletrar até que sua expressão “As palavras estão dançando”, tornou-se motivo de risada quando de forma mais singela ele trazia a sua realidade. No setor da direção com os pais, as professoras falavam que "Escrever parece um castigo", "Ele repete os erros de propósito", "Ele nunca presta atenção à aula", “Sempre pede para ir ao banheiro e beber água”, "Atrapalha a turma toda com suas pegadinhas bobas", "talvez ele tenha um problema”. Frases como essas foram sendo despejadas para a família e como único encaminhamento foi dizer que existem escolas especiais para “essas crianças”.

A escola não possuía uma estratégia de acolher a especificidade atribuindo ao protagonista todas as frases acima e de culpa da própria criança por não aprender como as outras. E em seguida, sem diálogos e preocupados com a indisciplina do próprio



filho, questionava-se porque ele era tão diferente do irmão *Yohann* o filho mais velho “ideal” para família, para escola e para o mundo profissional. ROGERS (1997, pág. 59):

Se eu aceito a outra pessoa como alguma coisa fixada, já diagnosticado e classificado, já cristalizado pelo seu passado, estou assim a contribuir para confirmar essa hipótese limitativa, se eu aceito num processo de transformação, nesse caso o que faço e confirmar ou Tornar real as suas potencialidades.

Os pais não compreendiam e não entendiam a singularidade do mundo particular dele, a imaginação e a resiliência. Bullying e comparações eram constantes na vida de *Ishaan*. Afastado do ambiente familiar e o matriculado num colégio interno, longe da família e com a internalização de punição pelos seus comportamentos. E nesse momento a sua vida de sentido escolar e de não aceitação vai se construindo um novo autoconceito mergulhado numa tristeza profunda. O sentimento de abandono perpassa sua cabeça e mais uma vez de estar em um lugar onde os conteúdos são importantes para “ser alguém na vida”.

Na nova escola o adorável professor de Artes *Nikumbh Ram* com sua metodologia, criatividade de expressão, dinamismo, envolve a todos menos o *Ishaan* que estava totalmente fora do ar, apático, com condutas depressivas. Como uma criança não gosta de se divertir? Após a investigação do professor descobre em seus cadernos aquilo que ninguém imaginava que ele sofria de dislexia.

Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002).

Ao perceber a situação da criança e a distância dos três pilares que a escola reafirmava como ordem, disciplina e trabalho, que as crianças são preparadas para a batalha que é a vida, que têm que competir, tem que obter sucesso e criar um futuro dentro dessa perspectiva de adestração, “aqui adestramos até os cavalos mais selvagens”. Tudo isso era demais para crianças com todas essas responsabilidades impostas sobre suas vidas e sem valorização sobre as particularidades de cada uma.



No caminhar dessa relação de ajuda o professor facilitador utiliza as três premissas fundamentais das condições facilitadoras e simultâneas que aconteceram e que tornaram o relacionamento possível, que procuraram promover no outro o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida que foram: a compreensão empática, a congruência e a consideração incondicional positiva.

A autenticidade se fez presente sendo quem ele é um ser real e sem negação com todos os sentimentos que pudessem tratar em uma relação de ajuda. A relação mais saudável de abertura e sem reserva que *Ishaan* foi se permitindo deixar se envolver e criar um clima de confiança. O professor em sua sensibilidade acreditava nessa capacidade dele encontrar seu próprio caminho para atender as suas necessidades.

E isso precisava ser dito à família que não conseguia enxergar. Frases como: “Qual é a vantagem? O que vai ser dele? Como ele vai competir? Vou ter que sustentá-lo a vida inteira?” Todas essas inquietações eram de muito sofrimento também pela família ao escutar o professor. A visão limitada de que ser feliz era se adequar a um sistema que o faz correr contra o tempo para chegar a um lugar que não foi escolhido e sem confiança plena na capacidade do outro. *Ram* se interessava pelo aluno sem uma relação hierárquica. Percebia os sentimentos e as reais necessidades de sua luta interna por vida.

Saber ver o outro como ele é, significa se conectar a essência do outro. É existir sem ser violentado. É existir com suas habilidades mesmo que para os outros sejam limitadas. Essa relação de olhar nos olhos, de olhar no mesmo espaço de visão, esse olhar que diz que está presente e que pode contar com ele. Um olhar e carinho de que é possível achar os recursos internos e ir ao encontro de si mesmo. É a percepção do valor único, como ser humano, com um valor próprio, de existência.

O professor trouxe além de suas habilidades e elementos artísticos para as aulas como também proporcionou uma aula para dialogar sobre as dificuldades de uma pessoa portadora de dislexia de uma forma lúdica contando uma história e apresentou personagens mundialmente conhecidos por suas obras e expressões. Todos os alunos ficaram surpresos e a partir desse momento os olhos de *Ishaan* brilharam. Ou seja, que *Ishaan* assim como eles também era possível ter seu desenvolvimento intelectual e de realizar seus sonhos mais diversos. “O professor cuja orientação o leva a libertar a potencialidade do aluno exhibe, em alto grau, aquelas qualidades de atitude que facilitam



a aprendizagem. O que orientam no sentido dos defeitos dos seus alunos demonstram menos qualidade” ROGERS (1997) afirma.

Contudo, o professor ainda promoveu na escola um concurso de pintura, o qual todos participaram até mesmo o diretor, juntamente com os professores que não compreendiam o menino. Foi um sucesso o concurso, com premiação de melhor pintura para *Ishaan* e em segundo lugar seu professor que desenhou o rosto de seu aluno. Aquela premiação representou a alta capacidade de que são possíveis outros encontros consigo mesmo quando a empatia (Compreender o mundo interno), congruência (Ser o que se é) e a consideração incondicional positiva (Aceitar sem reservas) se fez muito presente e no decorrer *Ishaan* percebia que podia ser, sem julgamentos, sob outra ótica de considerações positivas dentro do ambiente propício, para desenvolver o potencial.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Cada criança tem seus próprios talentos, habilidades e sonhos”, ROGERS (1961) As posturas rígidas dos pais estavam gerando sofrimento de não compreender o que passava com o filho. E ao perceber, diante desse diálogo em que o *Nikumbh* mostra em termos práticos o que acontece com *Ishaan*, abre-se uma porta a realidade. Que um ambiente severo, crítico, agressivo, hostil não apresenta condições saudáveis. Mas no lugar onde encontra apoio, ambiente descontraído, de liberdade, solidário e acolhedor é muito mais possível a capacidade de autodesenvolvimento. Foi notória a confiança no organismo humano e nas possibilidades dessa relação com percepção genuína.

A narrativa apresenta os dilemas da docência e desafio para a mudança de atitude numa estrutura baseada em avaliações, em cumprimento de conteúdo. O filme mostra aquilo que é óbvio, mas que esquecido por muitos: cada ser humano evolui em seu tempo e por isso a educação deveria ser cada vez mais individualizada (customizada). Muitos professores gostam de dar aulas para os melhores alunos. Aqueles que são exemplares e muitas vezes rejeitam ou ignoram os alunos com dificuldades. Mas são estes estudantes que precisam mais de nossa atenção, sobretudo porque enquanto professor ou professoras é necessário compreender o que ele manifesta em sua aprendizagem. ROGERS (2001) “Uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar à vida”.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse destaque do texto, que reafirma que todas as pessoas sofrem influências do meio em que vive formando um autoconceito sobre si, diante do externo e acreditando, o afastando ou distanciando daquilo que é ou ainda do que é melhor para si. Entretanto, o ser humano ele é cheio de potencialidades e possibilidades mesmo quando está triste e sendo incompreendido ainda sim estão buscando viver, sempre no sentido de encontrar a melhor saída dentre aquelas que a pessoa consegue enxergar. “É Compreendido que se deixarmos as pessoas enfrentarem, do seu jeito, essas situações problema ocorrerá uma verdadeira autoformação” FREIRE (2001, pág.123).

Na relação construída entre o professor e aluno, baseado nas condições facilitadoras da abordagem centrada no aluno, foi a de trazê-lo à superfície porque todas às instituições como escola, família e sociedade, já o viam como um perdedor. A relação de ajuda, sem julgamento com autenticidade e acolhimento permitiu a livre expressão de sentimento e autoconhecimento. Ou seja, a reorganização da própria concepção de ser humano. ROGERS (1997, pág.58):

Se eu conseguir libertá-lo tão completamente quanto possível das ameaças exteriores, então ele pode começar a experimentar e a enfrentar os sentimentos e os conflitos internos que lhe parecem ameaçadores.

Volta-se para as relações profundas verdadeiras significativas entre os seres humanos enfatizando a relação afetiva de compreensão e comunicação complexa nos dois sentidos baseada na empatia entre o eu e o outro. Ou seja, para o nível de afetividade estabelece uma relação junto com o outro.

O Filme reflete a importância do olhar atento, do olhar observador, investigador e da sensibilidade para com a pluralidade que compõem uma sala de aula, bem como as particularidades de cada aluno. Compreendemos que o percurso torna as experiências significativas orienta-se na construção de pensamentos e participação em busca de ser. Professores que tenham mais a capacidade de ouvir desenvolvendo uma atmosfera mais igualitária, espontânea e criativa livre de ameaças significa que ele acredita na transformação pessoal do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Abre-se uma nova problematização no campo da educação e como o aluno pode ser visto na escola, de como o aluno pode ser acolhido em seus gritos de querer ser e existir dentro de suas capacidades porque é dentro delas que ele é livre e assume o papel de atuante da sua própria aprendizagem. O esvair do controle do modelo estigmatizado do ser também pode ser libertador deixando-o ser responsável pelo seu próprio caminho.

É preciso uma grande revolução no campo educacional que proporcione um caminhar nas novas tecnologias, nas comunicações, nas relações humanas e deixar para traz aquela relação de castigos e punições que torturam os alunos o encurralando dentro de nossas expectativas externas e papéis sociais que precisam exercer. ROGERS (1997, pág.59) postula que:

Se eu aceito a outra pessoa como alguma coisa fixada, já diagnosticado e classificado, já cristalizado pelo seu passado, estou assim a contribuir para confirmar essa hipótese limitativa, se eu aceito num processo de transformação, nesse caso o que faço e confirmar ou Tornar real as suas potencialidades.

Não há mais espaço para essa relação de um só jeito de ser, mas de vários jeitos de ser quando se é autêntico. E essa mudança promoverá um clima de confiança nas relações de professores e alunos, na confiança de que o outro vai achar o que desperta sentido, o que melhor conduza para seu crescimento pessoal e que essa inovação não seja de exclusão pelos saberes diversos, mas de um sistema orgânico que se autodirige em toda a sua complexidade.

A escola não pode mais ser o que tirar a liberdade de expressão e a autonomia do aluno, pois os melhores resultados advêm de uma natureza mais fluída e na confiança de que o outro é capaz dentro de suas realidades e busca constatar por vida. ROGERS (2001) traz uma importante reflexão “No sistema educacional não há lugar para a pessoa como um todo. Somente para o intelecto”. Ou seja, é preciso a quebra de paradigmas e ver o aluno como um ser para além do cognitivo, mas em sua completude.

Para a educação inclusiva e garantia de direito, as escolas devem se adaptar às necessidades diversas dos alunos, confiar na sua capacidade atualizante para que todos possam aprender juntos para a formação dos estudantes. Afinal, quando a escola entende que as diferenças não devem ser um problema, mas quando a diferença é



estigmatizada como algo negativo anula todas possibilidades de chegar ao outro e, por conseguinte, qualquer relação de confiança.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, ÉMILE. Educação e Sociologia. São Paulo: **Hedra**, 2010..

FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2011.

JUSTO, HENRIQUE. Teoria da Personalidade – Aprendizagem Centrada no Aluno. São Paulo. **Cutrix**, 1976.

LAVAL, CHRISTIAN: A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. 1ed. – São Paulo: **Boitempo**, 2019.

ROGERS, CARL R. Liberdade para Aprender. 4 ed. Belo Horizonte: **Interlivros**, 1997.

ROGERS, CARL R.. Tornar-se pessoa. 5ª ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 1961.

ROGERS, CARL R.. Sobre o poder Pessoal. São Paulo. **Martins Fontes**, 2001.

AMATUZZI, M. M. Rogers Ética Humanista e Psicoterapia. 2º Ed. Campina SP: **Editora Alínea**, 2012.

COMO ESTRELAS NA TERRA: Toda Criança é Especial. Direção: Aamir Khan. Produção: Estúdio/ Distrib: Aamir Khan Productions, 2007.